

*How to inhabit a non-place in times of crisis?
Race and gender of “Homo post pandemicus”*

**Como habitar um não-lugar em tempos de crise?
Raça e gênero do “Homo post pandemicus”**

Marcelo Raphael Rocha Bichara¹, Carlos Benevenuto Guisard Koehler¹

¹Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

marcelorrbichara@gmail.com; cbgk@uol.com.br

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista_sh.v1i0.283

Abstract. *This article is a transdisciplinary essay following the congress proposal to think about the “Homo post pandemicus” affections, facing the civilizational crossroad of the year 2020. Based on the current notion of “standpoint” as a vector of politicization of contemporary academic production, we approach the issue of the “non-place” spread in various layers of contemporary life. To illustrate the standpoint of a non-place, we carried out a critical analysis of the radical social constructivism currently present in some gender discussions, renewing the concepts of complex psychology in the light of recent evidence. Opposing the postmodern Queer Theory with another view, inspired by non-Western sexuality, which we argue is better supported by scientific evidence.*

Keywords. *Standpoint. Gender ideology. Queer theory. Counter-sexual. Anima/animus.*

Resumo. Este artigo é um ensaio transdisciplinar que tem como ponto de partida a encruzilhada civilizatória do ano 2020, seguindo a proposta do congresso de pensar os afetos do “Homo post pandemicus”. A partir da noção de “lugar de fala” como vetor de politização da produção acadêmica contemporânea, problematizamos a questão do “não-lugar” produzido nas várias esferas da vida contemporânea. Ao ilustrar o lugar de fala de um não-lugar, fizemos uma análise crítica do construtivismo social radical presente atualmente nas discussões de gênero, renovando os conceitos da psicologia complexa à luz de novas evidências. Contrapomos à Teoria Queer pós-moderna uma outra visão, inspirada na sexualidade não-ocidental, que defendemos estar melhor corroborada pelas evidências científicas.

Palavras-chave. Lugar de fala. Ideologia de gênero. Teoria Queer. Contrassexualidade. Anima/animus.

1. A encruzilhada 2020

Stuart Hall (2003) descreve o momento em que vivemos, a pós-modernidade, como o resultado de um processo global de *descentramento* do sujeito moderno, que perde a estabilidade de sua identidade fixa tradicional e se vê pulverizado em múltiplos centros de referência. O autor descreve cinco momentos em que a centralidade do “sujeito cartesiano” foi deslocada: o marxismo primeiro inseriu essa consciência racional do Eu (*cogito ergo sum*) na História, condicionando-a ao contexto social e às condições materiais; a psicanálise depois submeteu sua autoridade a um Outro desconhecido, submerso nas sombras do inconsciente; a linguística demonstrou como a própria condição do pensamento racional era uma ferramenta social de sentido sempre coletivo; a arqueologia filosófica de Foucault conseguiu desenterrar a própria gênese da subjetividade moderna como o resultado das instituições que a modelam; e por fim, o feminismo terminou por derrubar a universalidade da perspectiva masculina sobre o mundo, levando aquilo que antes pertencia somente à esfera privada e doméstica para o campo político. Poderíamos acrescentar ainda o movimento LGBTQI+¹, a luta antirracista e a crise ecológica: o primeiro dissolvendo a família nuclear burguesa como modelo único de sociabilidade; o segundo, de modo análogo ao feminismo, derrubando a universalidade da perspectiva branca eurocentrada; e o terceiro por fim, impõe agora limites éticos ao progresso industrial. Se a modernidade começou quando o Homem (branco europeu) tirou Deus do centro do mundo e o substituiu pelo próprio Ego, a pós-modernidade é então o destronamento deste Homem-deus pelo retorno do recalçado: a realidade autônoma dos corpos dominados, da natureza e do feminino. Gaia desperta.

Consideramos a premissa de que este processo histórico é irreversível. Não se trata de criar as condições de uma revolução, pois a única revolução que sempre venceu foi a do patriarcado – vide Napoleão, Stalin, Mao e tantos outros: o Grande Pai Totêmico, amado e temido. Historicamente falando, revolução e patriarcado são praticamente sinônimos. O que está em curso no planeta é um processo de *coevolução*, produção espontânea de variabilidade. Não se trata de destruir o passado, mas de amadurecer enquanto espécie, prosperar coletivamente: *a thriving not growing economy* (RAWORTH, 2019). Cooperação e assistência mútua, não mais competição e conquista.

No campo acadêmico, vemos o efeito deste fenômeno global, possibilitado por meio de políticas fundamentais de inclusão social e leis de proteção a grupos oprimidos, conquistadas por meio de muito suor, saliva e sangue, na articulação sempre conflituosa desses diferentes movimentos políticos entre si e com as instituições do Estado moderno. É neste contexto que o conceito de *lugar de fala* tem ganhado cada vez mais relevância no debate acadêmico. Em seu livro já clássico sobre o tema, a filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2017) demonstra a importância de trazer à tona no debate de ideias, as perspectivas historicamente invisibilizadas na produção do conhecimento, em especial aquelas que se encontram em mais de uma classe oprimida ao mesmo tempo, como por

¹ Muitos defendem a inclusão da letra A, depois do I e antes do +, para designar os ditos “assexuais”. Mas como em nossa abordagem a *libido* é identificada com o próprio princípio anímico (JUNG, 2010), não faz sentido pensar em pessoas assexuais, uma vez que essa energia dita “sexual” pode ser transformada e experimentada de muitas outras formas que não a intimidade sexual. De modo que os ditos assexuais: ou são vítimas de uma neurose mórbida e castradora, ou no caso dos devires alegres e potentes (hagiográficos e místicos), podem muito bem ser representados pelo infame símbolo +, em toda a sua multiplicidade singular e sintética que abordaremos mais a frente.

exemplo, seu próprio caso como mulher e pessoa negra. No entanto, a própria autora reconhece que, quando mal utilizado, o conceito tem gerado muitos conflitos sem sentido no campo progressista, legitimando ou deslegitimando um discurso, com base unicamente em quem está dizendo. Criou-se a falsa impressão de que alguém poderia, por exemplo, não ter um *lugar de fala* em alguma discussão, qualquer que seja ela, o que implicaria necessariamente em negar a existência de outras perspectivas, da alteridade e da diferença: exatamente aquilo que se queria evitar com o conceito. Por isso, afirmamos que é evidente que todos temos um *lugar de fala* em qualquer contexto, e o conceito deve nos servir justamente para destacar a importância de sempre se levar em consideração *todos os lugares de fala*, sem exceção. Não se trata nunca de não ter um lugar de fala, mas de sempre deixar claro e ter consciência de qual é este lugar de onde se fala.²

A representatividade na política, na Academia e em todas as áreas da sociedade contemporânea é uma bandeira de fundamental importância para as mudanças sociais que precisamos empreender, por isso é preciso agora examinarmos com cuidado quais as armadilhas teremos pela frente. Paradoxalmente, a própria Djamila se envolveu recentemente numa polêmica com outra militante negra, ao ser questionada a respeito do *colorismo* no movimento negro.³ A filósofa defendeu, no programa de televisão Roda Viva, que de fato teria mais *lugar de fala* na luta contra o racismo, uma vez que era “preta”, e não apenas uma “clarinha de turbante” ou “mulatinha que acabou de se descobrir negra”, em referência a outra militante que a criticou por ter vendido sua imagem como intelectual negra para empresários brancos legitimarem sua exploração capitalista sob o manto da “representatividade”. Vemos aí o perigo e a contradição inerente à política identitária na pós-modernidade. Atualmente no Brasil, temos vários exemplos emblemáticos de figuras públicas que nos mostram como a política identitária pode ser convertida em um *Cavalo de Troia*, apropriada por uma extrema-direita branca internacional que deseja um retorno idílico e sombrio a um passado recente de dominação e preconceito.

Diante da globalização do Capital não há identidade de grupo que resista. Gays milionários não se importam com travestis do subúrbio. A eleição de um presidente negro nos EUA não impediu que ele salvasse os b(r)ancos de Wall Street, declarasse guerra contra países do Oriente Médio e conspirasse abertamente para derrubar regimes democraticamente eleitos na América Latina. A premissa do feminismo radical de que uma mulher periférica tem mais em comum com a Margaret Thatcher e a Rainha da Inglaterra do que com seu vizinho negro ou com seu filho homem, nos parece uma hipótese insustentável para um grande número de casos, sendo tudo isso apenas parcialmente válido em casos específicos, que são então generalizados como ideologia política distante da realidade dialética e contraditória da vida. É preciso diferenciar a representatividade superficial, estética ou meramente simbólica, da representatividade real, enquanto projeto de mundo. No primeiro caso o elemento de convergência política

² O autor que vos escreve é mineiro com sotaque carioca, filho de Oxum e cidadão português, com sobrenome árabe e descendência sírio-libanesa. É visto como homem branco no Brasil, mas como “árabe” no Hemisfério Norte e “latino” fora do Ocidente. Na baixada fluminense, onde vive atualmente, já foi chamado algumas vezes de “judeu”, por causa da barba grande e dos cachinhos típicos no cabelo. Cara de judeu, sobrenome árabe, passaporte europeu, vivência brasileira.

³ <https://www.socialistamorena.com.br/leticia-parks-parece-que-a-djamila-se-atribuiu-o-direito-de-decidir-quem-e-negro/>. Acesso em: 20 nov. 2020

se dá numa identificação visual entre corpos. No segundo caso, trata-se de ser atravessado pelo mesmo espírito do tempo.

Em seu livro “Não-lugares” (1995), Marc Augé propõe uma etnografia dos lugares sem identidade, produzidos por aquilo que ele chama de “super modernidade”: as ruas da cidade tornadas impessoais, lugar de passagem ou perigo; as cadeiras da rodoviária onde não se pode deitar; as cidades-dormitório onde ninguém realmente habita, apenas dorme ou transita. Com a proliferação dos *não-lugares* na vida contemporânea, perdemos a noção do comum, o sentimento de comunidade foi convertido em moeda de troca, substituído pelo Capital que cria a ilusão do “indivíduo independente”, identidade singular desconectada do social. De modo semelhante ao que acontece com a geografia urbana, a subjetividade pós-moderna é cada vez mais transformada neste *não-lugar* híbrido, mestiço, inclassificável, de onde já não se pode mais dizer com convicção de qual exatamente é aquele *lugar de fala*. Nos termos de Hall (2003, p. 13) é apenas uma fantasia querer acreditar que uma identidade nos tempos atuais possa ser unificada, completa, estável, fixa ou mesmo coerente. Entre todas essas identidades coletivas, universalizantes e segregadoras, há toda uma multiplicidade de híbridos, queers, trans e mestiços, que transitam sem referência definida entre as “caixinhas”, sobrando e incomodando a todos os lados em disputa. Por isso é preciso agora defender a importância dos *não-lugares* na dialética dos *lugares de fala*. Qual é o papel incômodo e crucial que essas figuras dúbias desempenham?

Judith Butler (2018) gerou muita polêmica com sua Teoria Queer, ao abordar a realidade empírica e biológica dos Intersexuais: hermafroditas ou andróginos, identificados pela medicina moderna como “síndromes”: variações reais, possíveis e existentes, produzidas espontaneamente na natureza por diferentes combinações entre os cromossomos X e Y.⁴ Segundo a filósofa americana, o caso dos intersexuais, embora sejam raros, mostra como a própria noção binária de sexo biológico é uma simplificação cultural, uma tentativa de jogar para debaixo do tapete tudo aquilo que não cabe nas caixinhas. É neste sentido que se dá a inclusão das letras Q (*queer*: gênero neutro) e I (intersexual) na sigla cada vez maior LGBTQI+. Mas a conclusão de Butler de que isso evidencia o caráter “fictício” ou meramente convencional do sexo biológico, que poderia por isso ser reduzido à performatividade social, nos parece equivocada e ingênua, para não dizer tão ideológica quanto o modelo que pretende combater. É inegável que a *identidade de gênero* seja tão somente performativa, mas há também uma performance natural biológica em andamento no corpo que só é influenciada relativamente e a custo de muitos artifícios. É neste sentido que Paul Preciado (2014), um filósofo trans, critica o construtivismo social radical de Butler. Em seu *Manifesto Contrassexual – políticas subversivas de identidade sexual*, assinado quando ainda usava o nome de Beatriz Preciado, o autor argumenta que a performatividade transexual moderna depende de toda uma medicina industrial farmacológica e cirúrgica que a condiciona.

O construtivismo social radical é a utopia derradeira da ideologia moderna, pois ignora a objetividade do corpo, a inteligência e a autonomia da natureza, tentando reduzir seu funcionamento complexo às categorias sociais que supostamente poderiam “sobredeterminar” a objetividade dos fatos. A própria definição de uma ideologia.

⁴ X0, XXY, XXYY, XXXY, XXXYY, XXXXY, XYY, XXX, XXXX, mulher XY, homem XX. (SANTOS, 2012: p. 32).

Nossa crítica segue o mesmo raciocínio da sexualidade indígena, tão perseguida pelo cristianismo dualista binário europeu nos últimos séculos e que somente agora, finalmente, está voltando à tona (FERNANDES, 2013): não é raro haver em outras civilizações mais de dois gêneros, de modo que a performance social de gênero nem sempre esteve veiculada necessariamente ao aparelho reprodutor biológico, como defende a Bíblia judaica e os primeiros biólogos cristãos. Nas sociedades indígenas é comum que um mesmo corpo seja atravessado por mais de um espírito. É uma experiência sagrada e religiosa. Libertar a identidade de gênero e o seu caráter performativo da fisiologia corporal é imprescindível para o desenvolvimento de um feminismo maduro e realmente inclusivo. Mas negar a clara distinção entre os corpos e defender o “caráter ilusório do sexo” (BUTLER, 2010, p. 149), parece confundir ingenuamente complexidade com arbitrariedade.

Da mesma forma que a existência do nêutron e do neutrino não contradizem de modo algum a polaridade elétrica entre prótons e elétrons, sendo os fenômenos atômicos somente possíveis por causa da existência dessas quatro (e não duas) partículas, a existência dos hermafroditas, transexuais e de pessoas de gênero neutro não nega de forma nenhuma a polaridade macho-fêmea da biologia, nem a existência de corpos que realmente se encaixam nessas caixinhas. Ambas as realidades são verdade ao mesmo tempo. Se um homem trans ingere testosterona para se virilizar, isto é porque sabemos o que queremos dizer com “virilidade” e hormônio “masculino” (embora mulheres também o produzam, na maioria dos casos, em menor proporção). Se é verdade que os atributos de macho e fêmea são intercambiáveis até certo ponto, e que as múltiplas combinações podem produzir uma variação mais complexa do que um simples binarismo, estando essas características dispostas de modo transversal nos corpos, também é verdade que a grande maioria dessa multiplicidade está organizada segundo uma polaridade orgânica, uma dialética natural que tem uma função evolutiva muito bem definida (reprodução) e que, portanto, o fenômeno não é aleatório ou arbitrário, socialmente construído ao sabor dos humores de cada época. É apenas mais complexo do que o simples dualismo estanque que parecia a princípio.

Para melhor exemplificar nosso ponto de vista, vamos agora focar nossa atenção, não no exemplo dos queers ou intersexuais abordados por Butler, mas sim no paradoxo filosófico-social que representa o polêmico e último símbolo +, da sigla LGBTQI+. Para o psiquiatra Carl Gustav Jung (1987), antes da diferenciação sexual ocorrer em nossos corpos, toda nossa espécie herda pelo sangue a mesma estrutura mental arquetípica hermafrodita, que é então reprimida no inconsciente para que a identificação com um dos sexos possa ocorrer. Este é o mecanismo central das neuroses. Quando Jung recorre à figura mítica do Hermafrodita como símbolo da *individuação* e o objetivo da psicoterapia, ele parece sugerir que o equilíbrio mental de qualquer pessoa se encontra em algum lugar na direção deste + indefinível, onde as oposições entre masculino e feminino, hétero e homo, cis e trans, deixam de ser experimentadas como uma polaridade presente na realidade exterior objetiva e revelam seu caráter anímico, psíquico, criado na própria dinâmica dialética da mente. Para o campo magnético, Maxwell escreveu: $\nabla \cdot \mathbf{B} = 0$ (a divergência do campo é sempre igual a zero). Da mesma forma que não existe monopolo magnético (pois isto resultaria numa *quebra de simetria* do campo: $\nabla \cdot \mathbf{B} \neq 0$), **a psique humana é também sempre bipolar (hermafrodita) por natureza. Por isso todo conteúdo de energia psíquica com um aspecto consciente dito “masculino” (polo “norte”, digamos) presente na consciência de um**

indivíduo, implica em outro de igual intensidade e autonomia, mas de aspecto inverso dito “feminino” (de “carga oposta” ou “polo sul”), presente no inconsciente, e vice-versa. Unidade e dualidade ao mesmo tempo. Alternância e equilíbrio de polaridade.

Para a psicologia complexa, a saúde mental de qualquer ser humano consiste justamente em saber transitar entre os polos e viver ao longo do eixo, nunca nos extremos. Caminhar na direção do + ao final da sigla é viver de modo a *integrar* em si mesmo as dualidades do mundo, sem perder a distinção entre os polos, mas também sem se identificar miticamente com eles. Os extremos são polaridades arquetípicas, forças instintivas do inconsciente coletivo. Ninguém realmente habita ali, apenas mitologicamente, simbolicamente, à custa de muito recalque. O Homem e a Mulher não existem.

Antes de Jung, foi Adler (1964 [1925]) quem chamou atenção para o fato da sociedade patriarcal ter se configurado justamente a partir desta identificação absoluta entre as polaridades da natureza e os gêneros sexuais. Ao invés de tomar o sexo como uma das manifestações da dialética da natureza, o patriarcado tomou a vida e o cosmos como sendo sexualmente dividido – Pai Céu e Mãe Terra deram mais tarde origem a oposições como: espírito masculino eterno versus matéria feminina mortal; alimentando uma cultura onde a mente e o intelecto podem manipular a matéria e a natureza, mas devem sempre controlar e oprimir o corpo e o sentimento em nome da Razão. Um cosmos onde um Deus puro controla de modo absoluto uma Natureza inerte, suja e grosseira, que se mostra sempre passiva e submissa às Suas Leis eternas e perfeitas. Dividindo e nomeando a multiplicidade do mundo em dois gêneros distintos, cada um com o seu papel pré-definido na ordem cósmica, a humanidade inventava assim não somente a *ideologia de gênero hétero cis normativa*, como todo o sistema simbólico de dominação patriarcal, onde o homem representa a ação, a força e o pensamento, cabendo à mulher o papel submisso e passivo da matéria bruta e inerte. Mas quando as mulheres então invadem no século XX o lugar que antes pertencia aos homens, e a biologia ainda descobre novas combinações de X e Y, além de centenas de outras espécies com adaptação evolutiva não-heterossexual (BAILE & MARLENE, 2009), o pensamento conservador simplesmente não consegue acreditar nesses fatos científicos, empírica e largamente documentados. Pois acreditar na ciência neste caso implicaria em admitir que a sua estrutura binária para o cosmos é fictícia, aproximada, estatística, ideológica. Um sistema psíquico frágil, que depende dos confortos da crença dogmática para não se fragmentar, vai preferir antes se entregar às maiores bobagens que a Internet e o Whatsapp tem para oferecer – Fake News negacionista, terraplanismo paranoico e mamadeira de piroca comunista; qualquer coisa que lhe devolva o conforto de voltar ao seu mundinho pequeno, simples e binário, onde cada coisa tinha o seu devido lugar.

Jung era, evidentemente, um homem de sua época (1875 – 1961). Ao elaborar sua teoria da *anima/animus* (a contraparte sexual presente no inconsciente), o médico suíço não estava preocupado com o fenômeno da transexualidade. Ele escrevia do ponto de vista de uma pessoa cisgênero para outras semelhantes a ele. Mas diante dos novos fatos da biologia e da constatação empírica de que se trata de um fenômeno largamente encontrado em muitas outras culturas, sendo portanto transcultural e arquetípico, é preciso agora propor outra leitura mais abrangente, capaz de dar conta da complexidade do fenômeno abordado (SCANDIUCCI, 2019). Ao invés de supormos a priori, como faz Jung, que a consciência pessoal vai se desenvolver de acordo com o sexo biológico (hipótese refutada pela existência transcultural das inter/transexualidades), podemos agora afirmar a

posteriori que, qualquer que seja a polaridade sexual da consciência, esta vai produzir no inconsciente um complexo autônomo de carga inversa, que por sua vez deverá ser *integrado* à contraparte consciente para o pleno desenvolvimento deste *in-divíduo*. Assim, o homem cis hétero que se identifica completamente com a polaridade masculina, representada materialmente em seu sexo biológico, está tão neurótico e distante da realidade objetiva do *Si mesmo* (bipolar e hermafrodita) quanto um homem trans que acredita ser “homem igual outro qualquer”, uma vez que performa socialmente o aspecto masculino, mas ainda menstrua e pode engravidar, por exemplo. Em ambos os casos a pessoa está consciente de apenas um dos aspectos da personalidade total e está jogando para o inconsciente a outra metade da totalidade psíquica. Boa parte do processo terapêutico na psicologia complexa envolve a tentativa de *integrar* à consciência esta energia *dissociada* do *ego unilateral* (polo consciente). A designação trans e cis está aí para marcar as diferenças de *simetria* no *processo de individuação*, mas relaciona os homens e as mulheres (cis ou trans) chamando atenção para o fato de que, embora tomando caminhos diferentes, com corpos radicalmente distintos, há um ponto de *convergência* na vida simbólica de todos nós, onde a diferença biológica já não mais importa, pois todos padecemos do mesmo problema, a mesma neurose se instaura, apenas com o sinal invertido. O que vemos em ambos os casos é a *unilateralidade da consciência*, a identificação com um dos polos e não com a totalidade do *Si mesmo*. Esta é a gênese da neurose ocidental, o interdito metafísico patriarcal que levantou um muro discursivo para garantir artificialmente suas fronteiras, ali onde só há passagem e encruzilhada. Em qualquer um dos casos, perdemos a complexidade e a totalidade bipolar (hermafrodita) do *Self*.

É neste sentido que Preciado (2014) cita a *homossexualidade molecular* de Deleuze, isto é, a possibilidade de um homem se apaixonar pelo lado masculino de uma mulher ou de uma mulher amar o lado feminino de um homem. Quando o homem finalmente se descobrir feminino e a mulher terminar de tomar para si tudo o que era considerado masculino, então somente aí o feminismo terá levado a cabo a sua missão histórica. Esta compreensão dialética une Feminismo e movimento LGBTQI+ numa única direção: o sentido alquímico do +.

Nos diferenciamos assim da Teoria Queer ao afirmarmos que, embora a diferenciação sexual seja um fenômeno secundário, e que do ponto de vista da alma, isto é, da psique, somos todos hermafroditas, a diferenciação sexual é sim um fenômeno orgânico de realidade objetiva inegável que acomete a maioria dos corpos humanos. A alma, isto é, o sujeito humano, ao se descobrir bipolar, tem o direito e a liberdade de interferir neste processo. Mas se este poder lhe produzir a ilusão de que a mente é a senhora absoluta do mundo, o corpo vai lembrar-lhe que ainda existe e não pode ser ignorado. A neurose heterocisnormativa, ao contrário: idolatra o corpo e ignora a alma.

Trata-se sobretudo de insistir naquilo que Antonin Artaud (1974 [1936]) originalmente entendia por construir para si um *corpo sem órgãos*: não significa de modo algum rejeitar a sabedoria e a auto-organização biológica evidente em nosso corpo, e em nome de uma ideologia construtivista utópica, trocar uma “metafísica da substância” (BUTLER, 2010) por uma metafísica da linguagem ou do discurso. Muito pelo contrário – trata-se de vivenciar diretamente *no* corpo o devir camaleão do xamã, do artista em transe criativo, do pai de santo que dança com a tempestade e as ondas do mar, do médium de umbanda que ora é velho, ora é criança, negro, índio, cigano, homem ou mulher; o corpo eterno e maleável dos *yogis* em *samadhi* ou dos contorcionistas de circo que cabem numa caixa.

Quando a psicologia complexa nos convida a caminhar sempre na direção do + ao final da sigla, ela nos instiga a tentar sempre sair do nosso *lugar de fala*, qualquer que seja ele, para nos conhecermos verdadeiramente. É somente quando vamos na direção do outro que nos encontramos realmente. Este é o sentido dialético mais profundo do amor. De fato, a mais profunda intuição sobre si mesmo é sempre uma experiência de *êxtase*, um colocar-se para fora de si: não há mística mais elevada que o autoconhecimento. De modo que a saúde psíquica implica necessariamente nesta ousadia de sempre ser capaz de inventar para si um novo gênero, produzir singularidade. Se o feminismo começa com a invenção de uma nova mulher, ele só concluirá sua tarefa milenar de reverter o patriarcado quando tiver levado a cabo não apenas a invenção de um novo homem, mas também aberto a possibilidade de novos gêneros, novas combinações, tantas quantas a Natureza inventar. Semelhante a uma obra de arte, a criação de um novo gênero implica sempre em evitar os estereótipos enlatados e ousar descobrir uma linguagem autoral.

Falar de um *não-lugar* significa colocar-se de propósito na encruzilhada, assumir o perigoso papel de Exu, mensageiro entre os mundos. Se quisermos sobreviver a este século, teremos de começar por aqui: *Habitemos o não-lugar*. Façamos dele o lugar do comum, local de encontro, de festa e de guerrilha, sem muros ou arame farpado. Façamos do nosso *standpoint* (lugar de fala) um *moving point* que busca o outro.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências Bibliográficas

- ADLER, A. **The Individual Psychology of Alfred Adler: A Systematic Presentation in Selections from His Writings**. Nova York: Harper & Row Publishers, 1964 [1925].
- ARTAUD, A. **Taraumaras**. Paris: Éditions Gallimard, 1974 [1936].
- AUGÉ, M. **Não-lugares**. Campinas: Papirus Editora, 1995.
- BAILEY, N; MARLENE, Z. **Same-sex sexual behavior and evolution**. In: Trends in Ecology and Evolution, Vol. 24, No. 8, 08. 2009, p. 439-446.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.
- FERNANDES, E. R. **Ativismo homossexual indígena e decolonialidade: da teoria queer às críticas two-spirits**. 37º Encontro Anual da Anpocs – SPG 16: Sexualidade e Gênero: Espaço, Corporalidade e Relações de Poder. Águas de Lindóia, 2013.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JUNG, C. G. **A energia psíquica**. In: Obras Completas v. 8/1. Petrópolis, Vozes: 2010.
- JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAWORTH, K. **Economia Donut**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2019.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Grupo Editora Letramento, 2017.

SANTOS, A. L. F. **Um sexo que são vários. A (im)possibilidade do intersexo enquanto categoria humana**. Dissertação de mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012.

SCANDIUCCI, G. **A alma e o fenômeno transgênero na atualidade**. Rio de Janeiro: IJEP, 2019.